

A TRANSMISSÃO EM *A CHAVE DE CASA*: A HERANÇA FAMILIAR

THE TRANSMISSION IN A CHAVE DE CASA: *FAMILY INHERITANCE*

Gustavo Dias de Sousa
Sara Caroliny Pires
PPGLL/UFG

Resumo: No presente artigo, pretende-se analisar o romance de Tatiana Salem Levy, *A chave de casa*, a partir de duas temáticas: transmissão e herança. A presença do passado e do presente na cena literária contemporânea se constitui como uma das mais relevantes para alcançar as múltiplas trajetórias e aspectos que compõem o cenário da ficção no início do século XXI. Nota-se, portanto, a necessidade de reedificar e arquitetar o percurso familiar, com o objetivo de ocupar as fissuras adquiridas ao longo do tempo. À vista disso, a narrativa se alicerça nos pilares mnemônicos para compreensão do advento da representatividade da herança, refazendo as trilhas da transmissão, tudo isso é percebido e sentido através da história de vida da narradora-personagem, que narra e escreve ao mesmo tempo, buscando (re)significar o movimento da sua vida, seja no seguimento físico, seja no histórico identitário familiar.

Palavras-chave: romance; transmissão; herança; memória; contemporaneidade.

Abstract: *In this research, we intend to analyze the Tatiana Salem Levy's novel, A chave de casa, based on two themes: the thought transmission and heritage. The presence of the past and the present in the contemporary literary scene is one of the most relevant to reach the multiple trajectories and aspects which are part of the fiction scenario in the beginning of the twentieth century. So, it is necessary to restructure and build de familiar route, with the objective to occupy the fissures got over time. This way, the novel consolidates in the mnemonic pillars to the comprehension of the coming of representativeness based on the heritage, remaking the ways of transmission, all of these situations are realized and felt through the life of the narrator character, which narrates and writes at the same time, trying to resignify the movement of her life, or in the physical part or in the familiar historic.*

Keywords: *novel; transmission; heritage; memory; contemporality.*

Introdução

A leitura de *A chave de casa*, de Tatiana Salem Levy, é um verdadeiro desafio, pois apresenta elementos e atributos que podem afastar um leitor desavisado ou acostumado a uma leitura mais tradicional. Cronologicamente, o romance em questão é uma obra contemporânea por ter sido publicada já no século XXI, no ano de 2007, mas a contemporaneidade não é definida apenas por data de publicação, ela também reside em alguns daqueles elementos e atributos mencionados, os quais buscamos apresentar neste artigo.

A literatura contemporânea é vasta, seja de autores, de títulos, estilos e temáticas e é claro que não é possível traçar uma linha objetiva e específica para classificar ou não um romance como contemporâneo. É possível apontar linhas, tendências, possibilidades, sempre no plural, para nos aproximarmos, não de uma classificação estática, mas de uma análise literária mais robusta.

Partindo da palavra contemporâneo, buscamos, associar a Giorgio Agamben (2009) e Karl Erik Schøllhammer (2009), expor conceitos e definições associando tanto ao termo isolado, quanto à literatura contemporânea. E munidos das ideias sobre a multiplicidade, diversidade, fragmentação e autoficção de Beatriz Resende (2008), Aparecido Ribeiro e Eduardo Silva (2008), Alessandra Cristina Magalhães (2012) e Evandro Nascimento (2014) exploramos *A chave de casa* apontando no romance alguns elementos da contemporaneidade.

Através de um viés também contemporâneo da crítica literária, propomos o aprofundamento de questões recorrentes nas linhas de *A chave de casa*, como a herança cultural, a transmissão e a memória. Essas questões estão quase sempre atreladas à perspectiva de vida da narradora que as expõe em suas próprias palavras.

Assim, com investigações teóricas postuladas por estudiosos como Joël Candau (2011), Anne Muxel (2007), Zilá Bernd (2013; 2014; 2018) e Aleida Assmann (2011), entre outros, entendemos que a memória possui a capacidade de (re)significar e deixar transparecer o cenário identitário de um indivíduo ou de um grupo pertencente. Nesse sentido, os aspectos atrelados a manifestação da transmissão e da herança tomam forma, dando sentido ao contexto panorâmico da narrativa em voga.

Cabe aqui balizar que, sendo um romance que abarca temáticas como a transmissão e herança, o tecido literário abre a possibilidade para grandes reflexões acerca da composição mnemônica e identitária de uma família, sendo situações importantes para o exercício de dois polos distantes, mas que ao mesmo tempo são dependentes: passado e presente.

A narradora-personagem faz escolhas de temáticas importantes que, ao escrever sobre sua própria trajetória, por vezes angustiante, assevera a esperança de que é possível, por meio da escrita de si, restituir partes da sua história e projetar-se para o futuro.

Por tudo isso, é justamente essa relação entre o passado e o presente no romance *A chave de casa* que possibilitará a mobilização de temáticas tão caras à contemporaneidade como: memória, transmissão e herança, dado que uma não se desvincula da outra, chegando a propiciar uma verdadeira miscelânea para que o cenário literário possa se inventar, (re)inventar ao transcender os

parâmetros do romance de Tatiana Salem Levy.

A chave de casa: um romance contemporâneo

Encontrar uma definição para a palavra contemporâneo não é um desafio fácil. Giorgio Agamben (2009) faz algumas considerações importantes que servem, não como uma definição pronta e acabada, mas como indicações que ajudam a construir conceitos. Partindo de um paradoxo já apontado por Nietzsche, o autor considera que o contemporâneo se trata de algo que é, ao mesmo tempo, próximo e distante, coincidente ou não com o mesmo tempo, de forma mais específica, com o tempo presente. Outra definição que Agamben (2009, p. 62) traz, e esta parece-nos mais condizente com nosso objeto de estudo, é que o “contemporâneo é aquele que mantém fixo o olhar no seu tempo, para nele perceber não as luzes, mas o escuro”.

Nessa esteira, Karl Erik Schøllhammer (2009, p. 9-10) diz que “o contemporâneo é aquele que, graças a uma diferença, uma defasagem ou um anacronismo, é capaz de captar seu tempo e enxergá-lo”, dessa forma, um escritor realmente contemporâneo deve ter coragem de reconhecer e se comprometer com o tempo presente, mas não basta dedicar-se ou debruçar-se em uma realidade atual, é necessária uma atenção àquelas “zonas marginais e obscuras do presente”, ou seja, o escritor de literatura contemporânea está ligado a uma realidade histórica complexa, contraditória e estranha.

A literatura brasileira contemporânea dialoga com esse presente estranho em um viés semelhante ao realista, mas com uma perspectiva menos subjetiva e mais histórica ou coletiva. Boa parte dos romances contemporâneos apresenta traços de uma realidade atual conturbada que foi originada no passado, exemplo disso é o romance *A chave de casa*, de Tatiana Salem Levy. A narrativa se centra numa chave que é deixada pelo avô para protagonista, e ela tem a missão de encontrar a porta que essa chave abre. Durante a leitura do romance, é possível inferir que se trata de uma chave metafórica, que representa o passado do avô, cheio de conflitos, que invadem a história e a constituição da identidade da própria narradora do romance.

Outro ponto que corrobora para a contemporaneidade do romance em questão, ainda levando em consideração a relação presente e passado, é a mãe da narradora, que, durante parte de sua vida, vive em exílio em Portugal, devido ao seu envolvimento com um movimento contra o Regime Militar de 1964, inclusive a narradora, nasce em 1979, ainda em Portugal, no entanto, no mesmo ano a família retorna ao Brasil. Logo, o exílio vivido pela família também deixa marcas na protagonista.

A contemporaneidade de *A chave de casa* não reside apenas no paradoxo do tempo contemporâneo, mas também na constituição da estrutura do romance. De acordo com Magalhães (2012), o romance apresenta uma escrita de estilhaços, o que denota a fragmentação, a multiplicidade e diversidade na narrativa.

Não por acaso o texto literário contemporâneo incorpora essa diversidade: que é de gênero, de temas, de imagens, de suportes e de outros mecanismos mais, como

também reabilita gêneros populares no século XIX, como o romance policial e o histórico. (Resende, 2008, p. 31)

O romance de Tatiana Salem Levy, publicado em 2007, segundo Magalhães (2012), é constituído de 110 “capítulos”, que não possuem títulos ou números. Trata-se de uma narrativa entrecortada, dividida em quatro histórias que não aparentam ser simultâneas, mas uma mistura entre um passado distante (história do avô), um passado recente (história da mãe) e de um tempo mais presente (relacionamento abusivo e viagem para Portugal e Turquia). E no meio dessas quatro narrativas há a presença de diálogos entre a narradora e a própria mãe. No trecho a seguir, em um desses diálogos, a narradora lista os acontecimentos que são narrados no livro: “Essa nossa conversa, mãe, também dói. A história de amor que me arrancou a carne dói. A história do meu avô, a sua história, a tortura, o exílio, tudo dói. E, sobretudo, dói falar da dor” (Levy, 2013, p. 61).

Como já foi dito, Resende (2008) aborda em seu trabalho a diversidade e a heterogeneidade de temas e estilos nas obras literárias contemporâneas, e *A chave de casa* tem muito disso, seja na diversidade das quatro narrativas apontadas ou na heterogeneidade de temas: exílio, desilusão amorosa, identidade, violência psicológica, física e sexual; e de estilos: narrativa de memórias, diálogos e fluxos de consciência.

As quatro narrativas presentes no romance não aparecem de forma contínua, essas histórias são apresentadas em pequenos capítulos espalhados no livro, ou seja, um capítulo não é necessariamente continuação do outro. Dessa forma, a obra expõe um elemento da contemporaneidade muito comum na internet, que é a “leitura circular, talvez espiral e quiçá randômica” (Magalhães, 2012, p. 6). Esse tipo de leitura fragmentada é resultado das muitas vozes dos posts, comentários e hiperlinks. O sujeito contemporâneo vem sendo, não só habilitado a esse tipo de leitura nos espaços virtuais, mas também tem sido convidado a utilizar essas habilidades de leitura nas obras literárias contemporâneas, artimanha utilizada pelos autores, muito provavelmente, para angariar leitores que estão cada vez mais acostumados e ávidos por informações e vozes disponibilizadas de forma praticamente simultânea.

A narrativa sobre a história do avô se passa no início do século XX: ele, após uma grande desilusão amorosa, emigra para o Brasil à procura de trabalho e melhores condições de vida e neste país constitui família, porém, antes é importante ressaltar que o avô da narradora é duas vezes imigrante, uma vez que ele e seus familiares são expulsos de Portugal por serem judeus, dessa forma, eles se instalam na cidade de Esmirna, na Turquia.

Já a narrativa da mãe se subdivide em dois momentos, ambos de um passado mais recente em relação ao passado avô: a narradora conta como foi a vida da mãe durante o período do Regime Militar no Brasil, quando ela teve que se exilar, coincidentemente em Portugal, e, em outro momento, a narradora relata a doença e a morte da mãe. Tanto na narrativa do avô quanto da mãe, é possível perceber que a narradora conserva traços de uma herança cultural, tema este que será discutido adiante.

As duas narrativas mais próximas do presente são situações ocorridas com a própria narradora: o relacionamento abusivo e violento com um rapaz do qual no início ela até gostava, mas me-

diante os excessos dele, ela começa a se assustar e se afastar, e o envolvimento culmina no assassinato metafórico desse namorado; e a principal narrativa do romance, inclusive a que dá nome à obra, é a respeito da viagem da narradora a Portugal e à Turquia, viagem esta em que ela revisita o passado dos seus antepassados, em especial o do avô. Nessa narrativa, a narradora busca encontrar a porta que é aberta pela chave dada pelo próprio avô, chave esta que também pode ter uma significação metafórica. No fim, é possível perceber que a viagem da narradora é para encontrar sua própria identidade, visto que ela não se considera portuguesa, turca ou brasileira, nas próprias palavras da narradora “nasci no exílio” (Levy, 2013, p. 24).

Assim é possível notar em *A chave de casa* a diversidade, a multiplicidade e a heterogeneidade que convergem para uma narrativa móvel composta de subnarrativas, subgêneros e linguagens plurais.

Inumeráveis são as narrativas do mundo. Há, em primeiro lugar, uma variedade prodigiosa de gêneros, distribuídos entre substâncias diferentes, como se toda matéria fosse boa para que o homem lhe confiasse suas narrativas: a narrativa pode ser sustentada pela linguagem articulada, oral ou escrita, pela imagem fixa ou móvel, pelo gesto ou pela mistura ordenada de todas estas substâncias. (Barthes, 2011, p.19)

Apesar de as substâncias apresentadas por Barthes não estarem ordenadas em *A chave de casa*, elas estão ali presentes. Dessa forma, o romance trata-se de uma narrativa fragmentada que, segundo Ribeiro e Silva (2019), decorre da fragmentação do enredo, que se torna não linear e entrecortado pela presença de trechos aparentemente desconexos. E essa narrativa fragmentada deve-se à presença de personagens complexos e problemáticos, caso da narradora do romance, que se trata de um indivíduo estilhaçado e cheio de influências diferentes.

Como já foi dito, há no romance a presença dos diálogos com a mãe, o que contribui para a fragmentação e que gera certa estranheza, pois pela leitura completa da obra, ela já se encontra morta no início da narrativa, no entanto esse não é ponto que queremos indicar. A voz dessa mãe serve como motivação e contraponto para a voz da narradora, essa voz inclusive questiona a forma de a protagonista agir e narrar a história. Aparentemente, ela ouve a voz da mãe partindo de dentro de seus pensamentos, voz esta que sempre é destacada entre colchetes:

[Você não imagina o alívio que acabo de sentir. Há quanto tempo está esparramada nessa cama, inamovível? Há quanto tempo lhe peço para se levantar?] Não sei, desconheço a resposta. Pode ser uma semana, um mês, um ano, ou mesmo uma vida. Sinto-me às vezes um bloco de cimento, às vezes uma nuvem diluída, não percebo sequer a minha forma, os meus contornos. Quero sair do lugar, mas ainda duvido se é essa a melhor escolha. (Levy, 2013, p. 6)

A metalinguagem é outro recurso literário utilizado no romance e denota certo nível de contemporaneidade, pois contribui para a diversidade e heterogeneidade da narrativa: “Escrevo com as mãos atadas. Na concretude imóvel do meu quarto, de onde não saio há longo tempo. Escrevo sem

poder escrever e: por isso escrevo” (Levy, 2013, p. 5).

E é partir da metalinguagem que chegamos à autoficção, tendência contemporânea que questiona os limites do espaço autobiográfico. Para Evandro Nascimento (2014), na autoficção há o embaralhamento entre ficção e realidade, porque frequentemente o nome do autor e do personagem é o mesmo ou ainda a história contada pelo narrador se confunde com o passado próprio autor.

Nesse sentido, Magalhães (2012, p. 6), ao falar de autoficção, diz que “essa literatura é uma forma discursiva que exhibe o sujeito e, ao mesmo tempo, questiona-o. Neste contexto, tanto a subjetividade como a escritura são vistos como processos em construção”. Nesse tipo de narrativa, o leitor consegue ver e perceber a construção de escrita e do sujeito personagem-autor. E em *A chave de casa*, as semelhanças biográficas entre a narradora e Tatiana Salem Levy permeiam toda a obra: a ancestralidade judia, a família exilada em Portugal em virtude do Regime Militar, o nascimento da própria autora em 1979 “no exílio”, o retorno para o Brasil no mesmo ano, entre outros. Mas segundo a própria autora, em uma entrevista, saber se aquilo aconteceu ou não com ela não é importante:

Muitas vezes as pessoas perguntam: ‘Ah, mas isso aconteceu, isso não aconteceu?’. Enfim, eu não respondo, porque o barato é não saber mesmo. Não importa quando você está lendo o romance o que aconteceu na minha vida, o que não aconteceu. Importa o que está ali acontecendo com o personagem.”

E provavelmente querendo realçar essa opinião, a narradora de *A chave de casa* diz:

Conto (crio) essa história dos meus antepassados, essa história das imigrações e suas perdas, essa história da chave de casa, da esperança de retornar ao lugar de onde eles saíram, mas nós duas (só nós duas) sabemos ser outro o motivo da minha paralisia. Conto (crio) essa história para dar algum sentido à imobilidade, para dar uma resposta ao mundo e, de alguma forma, a mim mesma, mas nós duas (só nós duas) conhecemos a verdade. (Levy, 2013, p. 25)

Na autoficção de Tatiana Salem Levy, o importante não é a verdade nua e crua dos fatos, mas a capacidade que os acontecimentos ali narrados têm de problematizar o presente através de uma visita ao passado.

E a contemporaneidade da obra reside não só no paradoxo no tempo presente com vistas ao passado, ou na verossimilhança entre a vida da autora e personagem, mas em todo o contexto de produção do romance: diversidade, heterogeneidade e multiplicidade, que são marcos significativos da literatura contemporânea brasileira.

Herdades e transmissões: uma vida sob o viés da escrita

A chave de casa é uma narrativa que abre possibilidades para o leitor de adentrar nas malhas de um passado cheio de detalhes e incertezas que dialogam diretamente com a vida da protagonista, de modo que na primeira página do romance, fica acertado que o ato de escrever para a narradora

ilustra a resiliência e a necessidade de externar sua dor:

Escrevo com as mãos atadas. Na concretude imóvel do meu quarto, de onde não sai há longo tempo. Escrevo sem poder escrever e: por isso escrevo. De resto, não saberia o que fazer com esse corpo que, desde a sua chegada ao mundo, não consegue sair do lugar. Porque eu já nasci velha, numa cadeira de rodas, com as pernas enguiçadas, os braços ressequidos. Nasci com cheiro de terra úmida, o bafo de tempos antigos sobre o meu dorso. Por mais estranho que isso possa parecer, a verdade é que nasci com os pés na cova. (Levy, 2013, p. 9).

O dispositivo da dor, do peso e da ideia de “já nascer velha”, amplia a compreensão de um verdadeiro mosaico de vida que faz parte do passado de seus ancestrais, mas que no presente, toda essa carga hereditária abre as comportas para a concretude de tudo que a narradora está vivenciando em seu corpo, seja de ordem física ou psicológica.

Ao narrar seu estado de permanência na vida, o passado é o tempo que se faz presente durante todo percurso da história, de modo que articular situações ocorridas no passado faz com que a narradora externe, categoricamente, o desejo de lançar mão de toda carga hereditária que envolva a história de sua ascendência: “Não que eu seja uma pessoa triste. Não se trata de ser ou não ser feliz, mas de uma herança que trago comigo e da qual quero me livrar” (Levy, 2013, p. 9).

A intersecção da carga histórica do passado com o presente vivenciada pela narradora faz com que o ato de narrar e o viver se fundam, assumindo assim uma espécie de consciência-limite entre dois tempos tão distantes, mas que ao mesmo não se desvincilham da memória e identidade da narradora. A tensão entre esses dois polos constitui o centro de toda herança que se arma, de modo lento e gradual, em todos os cenários arquitetados pela narradora, como se o resgate das histórias dos seus antepassados, sinalizassem uma verdadeira “ferida infeccionada” localizada em seu corpo, causando-lhe, demasiadamente, dor e desconforto.

Mesmo morta desde o início da história, a voz da mãe da narradora ressoa ao longo de toda narrativa, hora expressando maximamente um diálogo com a filha, ora sutilmente dando espaço a outras reverberações, que fazem parte do cenário identitário da própria narradora do romance.

O enlace entre o presente e futuro são substanciais na cadência dos diálogos travados pela narradora, por vezes, o leitor é surpreendido com um discurso carregado de características da mãe na fala da protagonista, situação esta que configura não só uma herança materna, mas sobretudo, uma bagagem em forma de diversas memórias de toda sua ancestralidade.

A voz que fala é a reverberação de inúmeras sensações, angústias, medo, sabores e dissabores transmitidos através de épocas distintas, mas que estão aglutinadas no interior da narradora, que luta para livrar desse embrulho pesado do passado que, insistentemente, ocupa espaço no íntimo, lançando os estilhaços de dentro para fora, refletindo em seu corpo já ferido pelas marcas ancestrais, como é demonstrado no seguinte excerto do romance:

Quase todos os dias há momentos em que faço alguma coisa e logo em seguida penso: não sou eu. Coisas bobas, do cotidiano, como sorrir, encolher o corpo no

sofá para ler o jornal ou segurar a xícara de café com as duas mãos. De repente, no meio do gesto, sou acometida pela sensação de que não sou eu quem está ali. Quando emendo uma gargalhada na outra, por exemplo, e não consigo parar, tenho a certeza de que é você quem está rindo. [É verdade, somos muito parecidas. Também já tive essa sensação, olhava para você e pensava: como somos iguais.] Mas não é só isso, é uma sensação esquisita, uma certeza absoluta de que não sou eu. Nem sempre é você, às vezes é o papai, às vezes o vovô, às vezes nenhum de vocês. Às vezes sinto que é alguém que nunca conheci, mas que fala através de mim, do meu corpo. Como se meu corpo não fosse apenas meu, e a cada momento eu percebesse essa multiplicidade, a existência de outras pessoas me acompanhando. (Levy, 2013, p. 49)

A protagonista reitera a multiplicidade de situações cotidianas que confirmam o quanto tem dos seus ancestrais, seja no modo de agir, pensar, falar e expressar as satisfações e insatisfações com a vida. São percepções que geram um sentimento de desconforto na personagem, é como se sua existência fosse marcada pela responsabilidade de transportar a memória desses indivíduos que deixaram os estilhaços espalhados por toda “*casa x corpo*”.

A dor que irradia do interior para o exterior da narradora é sentida durante todo o trânsito realizado nos diversos espaços explorados, seja Brasil ou Istambul. É uma dor contínua, que perpassa todos os indivíduos que carregam consigo as marcas cravadas na memória daqueles que de maneira direta ou indireta foram massacrados pela guerra, pelo exílio, ou seja, por situações que a narradora consegue externar, reforçando que a severidade da dor como tal está dispersa no mundo:

A dor está em tudo, espalhada por todos os cantos do planeta, por todos os cantos de nós. Não existe nem mesmo um poro da pele que não carregue dor. Os sentimentos mudam, mas a dor persiste. Em tudo o que experimentei, lá estava ela, de um jeito ou de outro. No amor, na alegria, na tristeza, no sofrimento, no luto, nos sonhos: nunca conheci nada disso sem dor. Não concordo quando você diz que sou eu que levo as coisas para o lado da dor. Não sou eu: é a vida, mãe, é ela que é assim. Essa viagem que faço, esse país estranho onde vim parar, tudo isso dói. É bonito, é interessante, é engraçado, mas dói. Essa herança dói. O que trago comigo sem escolha dói. (Levy, 2013, p. 147)

A dor da protagonista é interminável, a passagem supracitada reforça o caráter pungente que a dor exerce em seu íntimo. Não existem limites para protelar a ação da herança, seja em diferentes lugares, seja no universo dos pensamentos, ou até mesmo nos sonhos, a constância da dor está para aqueles que, de um modo ou de outro, carregam consigo as marcas de um passado fraturado pela dor, pela angústia e pelo luto.

O sobrepeso da memória dos seus ancestrais reforça a escolha da narradora em rememorar o passado familiar que está ligado à subjetividade, oportunizando a vista de um passado que dirige a (re)construções fragmentadas, propiciando identificações ou até mesmo ruptura com a herança familiar.

No romance em questão, há uma manifestação considerável pela busca da ancestralidade

e anterioridade ligada diretamente pelo viés narrativo da protagonista, tudo isso pode ser constatado no exercício da escrita, manifestando aspectos importantes que são exclusivos daqueles que fazem parte do mesmo núcleo familiar e, prontamente, da narradora. A propósito, Bernd (2014) salienta que

Falar dos pais é um subterfúgio para falar de si próprio, apontando para um desejo de conhecer melhor a herança deixada pelos pais. Na verdade, trata-se do autobiográfico descrito através de um outro ponto de vista. O filho deseja saber o que aconteceu em momentos da vida dos pais em que ele não esteve presente. Na verdade, esse tipo de romance da memória familiar rende tributo aos pais e avós, salientando o quanto o narrador herdou de seus ancestrais, estabelecendo um continuum familiar. (Bernd, 2014, p. 8)

Evidencia-se, nesse trecho, que a memória da narradora no romance fará a intermediação entre as lembranças, rememorações, recordações e até mesmo o esquecimento, marcando o intercalamento entre o presente, o passado e o futuro, seja no ato de narrar ou durante o processo da escrita.

O componente desencadeador de toda trama a ser contada é a recepção da chave antiga pela narradora que possibilita remontar à figura da casa onde o avô morava, na cidade de Esmirna, na Turquia. A chave assume, simbolicamente, a transmissão do desejo de percorrer novos caminhos, mesmo com limitações físicas e um espírito inquieto, com indagações sobre suportar o luto pela morte da mãe, o fim de um relacionamento abusivo e processo imigratório enfrentado pelo avô para o Brasil:

Para escrever esta história, tenho de sair de onde estou, fazer uma longa viagem por lugares que não conheço, terras onde nunca pisei. Uma viagem de volta, ainda que eu não tenha saído de lugar algum. Não sei se conseguirei realizá-la, se algum dia sairei do meu próprio quarto, mas a urgência existe. (Levy, 2013, p. 12)

A busca pela memória deixada pelo seu avô faz com que a personagem atravesse suas limitações para projetar-se em lugares e situações dantes impensáveis. Existe uma severa estimulação pela mãe, já falecida, em um diálogo permeado de ficcionalização, a sinalizar a memória dos ancestrais:

Acredite nessa história que seu avô lhe ofereceu, vá em busca de sua casa e tente abrir a porta. Reconte a história do seu avô, conte a minha também, conte-as você mesma. Não tenha medo de nos trair. Tome essa possibilidade como uma chance de sair do lodo onde se soterrou, mesmo que não dê em nada, que não ache casa alguma, que não reencontre a parte da família que lá ficou, não importa. Ao menos estará conhecendo novos – e tão antigos – ares. (Levy, 2013, p. 17)

É plausível identificar o entrelaçamento mnemônico dos seus antepassados e a importante decisão de lançar-se fora e colocar em prática suas percepções de mundo, assumindo uma condição responsável por descortinar as memórias e lembranças familiares desses que, de maneira involuntária,

ria, deixaram de herança uma chave que abre para a realização da “travessia”, cheia de percalços e incertezas para a narradora.

Existe uma verdadeira necessidade por parte da narradora de narrar a memória ligada aos seus familiares e deixa evidente que herdou um passado silencioso e que, ao mesmo tempo, é tenebroso, porém a figura da mãe reforça a necessidade de torná-lo acessível e (re)elaborar, acessivelmente, por meio do presente as lacunas que se firmaram ao longo das gerações.

Em a *Chave de casa*, a narradora lida constantemente com elementos substanciais como memória, rastros, vestígios e fragmentos para a composição do cenário da narrativa. É uma narradora que coloca em evidência seus amores, angústias, perdas, vivências e dor, externando em alguns momentos a busca por aspectos identitários da sua família desconhecidos, buscando apoio na memória dos seus ancestrais. Desse modo, reforçando a dialética entre o lembrar e esquecer, são aspectos possíveis e constatar na narrativa.

Na concepção de Bernd:

Entre memória e esquecimento, o que sobram são os vestígios, os fragmentos do vivido, o qual jamais pode ser recuperado na sua integralidade. [...] sempre sobra algum rastro que a sensibilidade dos escritores consegue retrair e incorporar à matéria poética. Desse modo, se nossa memória é um receptáculo de resíduos memoriais, a literatura também o é. (Bernd, 2013, p. 53)

Assim, tais vestígios são resgatados, reestruturados, reinventados e ressignificados, atribuindo à memória um papel extremamente relevante, pois acontece o constante diálogo entre o ato de lembrar e esquecer.

O legado da transmissão e da memória nas linhas da narrativa

No romance, a figura da mãe proporciona diversos momentos de reflexões para a filha, que, por sua vez, tenta mobilizar as peças centrais do grande quebra-cabeça histórico familiar. O passado é a grande metáfora da família e que, para ser compreendido, desafia a narradora pelo excessivo peso da responsabilidade da memória identitária desses que já se foram, mas que insistem nas descobertas e (re)significações: “Quero que entenda que não precisa ter a família nas costas, que pode se livrar do passado. Mas para isso não pode ignorá-lo: pelo simples fato de que você nunca o ignorou até agora e, por isso, precisa entendê-lo, precisa nomeá-lo. Já o nomeei: o passado se chama medo” (Levy, 2013, p. 132). A decisão de romper com o silenciamento do tempo abre espaço para o processo de resgate dessas narrativas dantes adormecidas pelo advento do tempo.

A capacidade da protagonista de expor essas narrativas silenciadas possibilita um nexo na transmissão, e categoricamente o faz através da rememoração, fazendo uso da escrita como eixo central para organizar e consolidar o pensamento e propiciar o alicerce dos sentidos e tais componentes fragmentados da atmosfera mnemônica. Para o antropólogo Joël Candau (2011), a perspectiva de transmissão institui uma espécie de mobilização de memória, ou seja, a transmissão se responsabi-

liza por colocar em movimento a memória e seu constante funcionamento.

Na perspectiva de Anne Muxel (2007), a transmissão é considerada como uma das funcionalidades da memória. Sob esse prisma, podemos levar em consideração que, logicamente, a transmissão está ligada ao passado com perspectiva de futuro, além da reflexividade ligada ao dado presente, exercício que a narradora instaura na escrita de si, usando da avaliação crítica da própria história.

De acordo com Bernd (2018, p.27), “O processo fragmentário sempre recomeçado da rememoração encontra seu sentido na transmissão”. No trecho, a autora reforça a relação da transmissão da memória, confirma que o efeito da transmissão também se dá por intermédio das narrativas ficcionalizadas pela escritora.

Ainda na esteira de Candau (2011, p. 118), “transmitir uma memória é fazer viver, assim, uma identidade não consiste, portanto, em apenas legar algo, e sim uma maneira de estar no mundo”. A chave é o objeto de memória que assume a máxima no romance, porém as cartas, o anel que era de sua mãe, fotografias, dentre outros, estabelecem um elo significativo na transmissão. Assim, evidencia-se que, para cada objeto herdado, existe, para além da função material, a função da representatividade simbólica, que deve ser considerada de imediato.

Para Anne Muxel (2007, p.163), a importância desses objetos (artefatos) em convocar eventos do passado e pessoas faz rememorar lembranças adormecidas, seja de situações prazerosas ou traumáticas ligadas diretamente aos abismos da consciência. Ao reforçar a representação dos objetos, Muxel afirma que os mesmos são oportunos para resgatar até mesmo uma memória “incontestável”.

A representação mnemônica da chave deixada pelo avô aos cuidados da narradora simboliza a máxima da herança, no romance de Tatiana Levy. O objeto exerce quase que um fascínio, ocasionando uma pluralidade de lembranças oriundas do passado. Somente por meio da chave, que a protagonista consegue conectar, através da imaginação, a antiga casa do avô, como também seu percurso ao longo da vida.

Dentre outros objetos presentes na narrativa, o anel deixado pela sua mãe representa também o desejo de transmissão. A protagonista, quando está em solo Turco, avista um anel novo e decide comprá-lo, pois se assemelha ao de sua mãe, chegando a afirmar categoricamente que:

E na verdade gosto das coisas que se foram, que não estão mais aqui. Gosto das ruínas, dos segredos do passado. Não gosto das coisas restauradas, como se tivesse sido construídas ontem, mas das marcas, dos vestígios. Depois acrescentou: minha mãe comprou esse anel há mais de trinta anos. Será que o meu também vai durar tanto? Eu gostaria de dá-lo à filha que um dia terei. (Levy, 2013, p. 118)

O excerto acima ilustra o quanto o anel (objeto) é tomado pela memória simbólica que está ligada diretamente à identidade dos ancestrais da protagonista, sendo perceptível o duelo travado entre o passado e a necessidade de significar o presente para o futuro. A narradora ainda salienta o desejo de transmissão desse sentimento a uma possível filha que futuramente poderá ter.

Assim como Bernd (2018) convoca a ideia de que, seja qualquer objeto que represente estímulo, sob a tutela de alguém, o mesmo torna-se “objeto-símbolo”, garantindo a perfeita continuidade da identidade familiar.

Para tanto, a memória familiar representa o cabedal de toda trama do romance em face, e sob a ótica de Candau (2011), é por excelência aquela que a transmissão da memória familiar opera diretamente na edificação da identidade de cada indivíduo. O intuito de conservar os aspectos mnemônicos dos antepassados é, se não, um constante desafio de proteger e cultivar a própria identidade.

Conforme afirma Bernd (2018, p. 37), “Testamento, transmissão de uma herança e preservação dos legados de nossos ancestrais estão ligados à preservação da identidade dos que já partiram, mas também de nossa própria identidade, já que é a partir dos rastros memoriais que construímos o identitário e coletivo”. Tudo isso pode ser constatado a partir da narração da protagonista.

A busca por conhecer e compreender os diversos fragmentos do passado dos seus ancestrais abre a possibilidade do seu próprio autoconhecimento, mesmo reconhecendo que são praticamente três gerações distintas e que muitas situações e fatos permanecerão silenciados para a sua constatação. Por isso, a escrita é uma tônica constante ao longo da narrativa da protagonista, uma vez que o ato de escrever exerce ao mesmo tempo a luta contra o esquecimento.

Considerações finais

O exercício da escrita realizado pela protagonista ao longo da narrativa colabora para o rompimento das amarras sentidas no corpo e na alma. A busca pelos estilhaços da sua história identitária familiar oportuniza profundas reflexões sobre si e sobre aqueles que já não compartilham mais o mesmo espaço existencial. Todas as situações apresentadas ao leitor reforçam o quanto o silenciamento do passado pode ocasionar feridas difíceis de cicatrizar no presente.

Tatiana Salem Levy consegue atingir a máxima em seu romance, otimizando a representatividade da memória, herança e transmissão. Resgatando fatos traumáticos que marcaram a história da Brasil, conseqüentemente, atravessou o Oceano Atlântico para ilustrar as trocas culturais e identitárias de diferentes nações, mas que, ao mesmo tempo, são lugares que guardam memórias fraturadas daqueles que não tiveram alguém, assim como a narradora-protagonista do romance para mergulhar no abismo do silêncio e lançar-se na busca por frações que fazem parte da memória identitária da sua família.

Em *A Chave de casa*, a narradora se depara com diversas situações em seu momento de retorno à viagem, entrelaçando descobertas, descortinando momentos significativos, felizes, e muitos deles libertadores para a compreensão de si.

Existe uma severa preocupação com a ancestralidade e a ascendência, temáticas essas que funcionam como um quebra-cabeça para o exercício de compreensão da narradora, ora exemplificadas como resíduos, ora memórias negligenciadas, ora restos esquecidos no tempo.

Por essa razão, trazer em evidência a identidade familiar dos antepassados, pais, avós, bis-

vós ou em linhas gerais, os ancestrais da ordem familiar, assume para a narradora-protagonista, no romance *A chave de casa*, uma espécie de escapatória a uma narrativa da tradição parental herdada e da narrativa de si mesmo.

A decisão da viagem oportuniza à narradora o abandono da zona de conforto para lançar-se no autoconhecimento, pois, ao se deparar com às memórias dos seus antepassados, consegue internalizar a existência das semelhanças e diferenças entre os seus.

Ao final, a narradora-protagonista consegue preencher alguns espaços dantes fraturados pelo silêncio, pela ausência de conhecimento e compreensão. Assim, o passado, ora marcado pela incerteza, agora abre as portas para dar sentido à reestruturação da sua própria história em comunhão com a identidade dos seus antepassados.

Referências

AGAMBEN, Giorgio. O que é o contemporâneo? In: AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo?* e outros ensaios. Trad. Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó: Argos, 2009. p. 57-73.

ASSMANN, Aleida. (2011). *Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural*. Tradução de Paulo Soeth. Campinas: editora UNICAMP.

BERND, Zilá. *Por uma estética dos vestígios memoriais: releitura da literatura contemporânea das Américas a partir dos rastros*. Belo Horizonte (MG): Fino Traço, 2013

BERND, Zilá. Romance memorial ou familiar e a memória cultural; a necessidade de transmitir em Um defeito de cor, de Ana Maria Gonçalves. *Revista Organon*, 29 (57), 15-27. Porto Alegre, Instituto de Letras/UFRGS, 2014.

BENRD, Zilá. Notas para uma teoria da transmissão. In: BERND, Zilá. *A persistência da memória em textos literários: romances da anterioridade e seus modos de transmissão intergeracional*. Porto Alegre: Edições BesouroBox, 2018. p. 27-38.

BARTHES, Roland. Introdução à análise estrutural da narrativa. In: BARTHES, Roland et al. *Análise estrutural da narrativa*. Trad. Maria Zélia Barbosa Pinto. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 19-59.

CANDAU, Joël. *Memória e Identidade*. Tradução Maria Leticia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2011.

LEVY, Tatiana Salem. *A chave de casa*. Rio de Janeiro, BestBolso, 2013.

MAGALHÃES, Alessandra Cristina Moreira de. Chaves de casa, chaves de leitura: fragmentos de leitura do romance *A chave de Casa*, de Tatiana Salem Levy. *Revista Moara*. n.37. p.4-13. jan-jul,

2012.

MUXEL, Anne. *Individu et mémoire familiale*. Paris: Hachette, 2007.

NASCIMENTO, Evandro. Entrevista. In: FAEDRICH, Anna. *Autoficções: do conceito teórico à prática na literatura brasileira contemporânea*. 251 f. Tese (Doutorado em Teoria da Literatura) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014. p. 219-220.

RESENDE, Beatriz. A literatura brasileira na era da multiplicidade. In: RESENDE, Beatriz. *Contemporâneos: expressões da literatura brasileira no século XXI*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra: Biblioteca Nacional, 2008. p. 15-40.

RIBEIRO, Rondinele Aparecido; SILVA, Eduardo Dias de. Na era da multiplicidade: fragmentação, intensidade e velocidade no conto *Catástrofe*, de Luiz Vilela. *Revista Água Viva*. Vol. 4. n. 1, jan-abr, 2019

SCHØLLHAMMER, K. E. (2011). *Ficção brasileira contemporânea*. (2ª ed.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Gustavo Dias de Sousa

Graduado em Letras Licenciatura Inglês Português pela Universidade Estadual de Goiás (UEG), mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Língua, Literatura e Interculturalidade da UEG, Campus Cora Coralina e doutorando em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás. Foi docente contratado pela UEG, durante 5 anos. Atualmente atua como professor de Literatura na rede básica de educação e Diretor da Faculdade de Palmeiras de Goiás – FacMais.
E-mail: dias.gustavo@discente.ufg.br

Sara Caroliny Pires

Possui graduação em Letras pela Universidade Estadual de Goiás (2011). Mestre em Língua, Literatura e Interculturalidade pelo programa de Pós-graduação (POSLLI) da Universidade Estadual de Goiás. Doutoranda em Estudos Literários pelo programa de Pós-graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Goiás (2022-2025). É professora da Rede Pública de Ensino, com ênfase em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira. E-mail sarasslmbgo@gmail.com

Recebido em 20/07/2023.

Aceito em 20/10/2023.